

COBERTURA DE SEGURANÇA NO TRÂNSITO

UM GUIA PARA JORNALISTAS



AGRADECIMENTOS

A OMS agradece as contribuições dos seguintes colaboradores para a realização deste documento: Elena Altieri, por coordenar sua elaboração e produção; Tom Hundley, pela edição; Adrian Brown, Geoffrey Cain, Tom Hundley, Annie Kelly, Guilherme Paranaíba Gouveia e Subhendu Ray, por terem contribuído com suas respectivas seções; Miguel Bartolomeos, Marina Carter, Roberto Colombo, Nathalie Draisin, Paul Garwood, Rebecca Ivers, Meleckidzedek Khayesi, Etienne Krug, Callie Long, Richard Mills, Evelyn Murphy, Victor Pavarino, Margie Peden, Carolyn Robinson, Eugenia Rodrigues, Hala Sakr, Laura Sminkey, Tamitza Toroyan, Joe Weber e Elena Yurasova, por terem revisado as primeiras versões; Catherine Allen, Claudia Borges, Sandra Damiani, Banung UO e Piyush Tewari, pelas contribuições adicionais; H el ene Dufays, pelo apoio na produ o do documento; Elizabeth Heseltine, por ter editado a vers o final.

Este documento foi patrocinado pela Bloomberg Philanthropies.



Versão oficial em português da obra original em Inglês
Reporting on road safety: a guide for journalists
© World Health Organization 2015
ISBN: 978-92-4-150893-3

Cobertura de segurança no trânsito: um guia para jornalistas
ISBN: 978-92-75-72071-4
eISBN: 978-92-75-72076-9

© Organização Pan-Americana da Saúde 2019

Alguns direitos reservados. Este trabalho é disponibilizado sob licença de Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 IGO (CC BY-NC-SA 3.0 IGO; <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/igo/>).

Nos termos desta licença, é possível copiar, redistribuir e adaptar o trabalho para fins não comerciais, desde que dele se faça a devida menção, como abaixo se indica. Em nenhuma circunstância, deve este trabalho sugerir que a OPAS aprova uma determinada organização, produtos ou serviços. O uso do logotipo da OPAS não é autorizado. Para adaptação do trabalho, é preciso obter a mesma licença de Creative Commons ou equivalente. Numa tradução deste trabalho, é necessário acrescentar a seguinte isenção de responsabilidade, juntamente com a citação sugerida: “Esta tradução não foi criada pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). A OPAS não é responsável nem pelo conteúdo nem pelo rigor desta tradução. A edição original em inglês será a única autêntica e vinculativa”.

Qualquer mediação relacionada com litígios resultantes da licença deverá ser conduzida em conformidade com o Regulamento de Mediação da Organização Mundial da Propriedade Intelectual.

Citação sugerida Cobertura de segurança no trânsito: um guia para jornalistas. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2019. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

Dados da catalogação na fonte (CIP). Os dados da CIP estão disponíveis em <http://iris.paho.org>.

Vendas, direitos e licenças. Para comprar as publicações da OPAS, ver www.publications.paho.org. Para apresentar pedidos para uso comercial e esclarecer dúvidas sobre direitos e licenças, consultar www.paho.org/permissions.

Materiais de partes terceiras. Para utilizar materiais desta publicação, tais como quadros, figuras ou imagens, que sejam atribuídos a uma parte terceira, compete ao usuário determinar se é necessária autorização para esse uso e obter a devida autorização do titular dos direitos de autor. O risco de pedidos de indenização resultantes de irregularidades pelo uso de componentes da autoria de uma parte terceira é da responsabilidade exclusiva do utilizador.

Isenção geral de responsabilidade. As denominações utilizadas nesta publicação e a apresentação do material nela contido não significam, por parte da Organização Pan-Americana da Saúde, nenhum julgamento sobre o estatuto jurídico ou as autoridades de qualquer país, território, cidade ou zona, nem tampouco sobre a demarcação das suas fronteiras ou limites. As linhas ponteadas e tracejadas nos mapas representam de modo aproximativo fronteiras sobre as quais pode não existir ainda acordo total.

A menção de determinadas companhias ou do nome comercial de certos produtos não implica que a Organização Pan-Americana da Saúde os aprove ou recomende, dando-lhes preferência a outros análogos não mencionados. Salvo erros ou omissões, uma letra maiúscula inicial indica que se trata dum produto de marca registrada.

A OPAS tomou todas as precauções razoáveis para verificar as informações contidas nesta publicação. No entanto, o material publicado é distribuído sem nenhum tipo de garantia, nem expressa nem implícita. A responsabilidade pela interpretação e utilização deste material recai sobre o leitor. Em nenhum caso se poderá responsabilizar a OPAS por qualquer prejuízo resultante da sua utilização.

ÍNDICE

Prefácio

1. POR QUE VOCÊ DEVE LER ESTE GUIA

“Você está perdendo uma das principais reportagens da atualidade.”.....	6
Sobre o guia.....	8

2. SEGURANÇA NO TRÂNSITO RENDE PAUTA

“Como editora, te digo: vale a pena.”.....	10
Como publiquei minha matéria na Time.....	14
“Um workshop mudou minha forma de escrever.”.....	16

3. COBERTURA DA SEGURANÇA NO TRÂNSITO COMO UM PROJETO

“Eu queria escrever sobre mortes no trânsito de uma forma diferente.”.....	20
Visualização criativa de dados para uma audiência mundial	24

4. OS CHAMADOS ACIDENTES DE TRÂNSITO NÃO SÃO “ACIDENTES”

Ângulo de matéria 1: Os acidentes de trânsito são uma das maiores causas de mortes da era moderna.	29
Ângulo de matéria 2: As lesões ocorridas no trânsito afetam a qualidade de vida.....	31
Ângulo de matéria 3: Os sistemas de saúde pública estão sobrecarregados pelas lesões causadas no trânsito.....	32

5. SEGURANÇA NO TRÂNSITO E OS USUÁRIOS DAS VIAS

Ângulo de matéria 1: Certos grupos são muito mais vulneráveis às lesões no trânsito.....	41
Ângulo de matéria 2: Grupos de interesse e advocacy podem trazer uma nova perspectiva sobre problemas já conhecidos.....	42

6. SEGURANÇA NO TRÂNSITO E LEGISLAÇÃO

Matérias criadas a partir de colisões no trânsito	46
Matérias associadas a novas propostas ou projetos de lei.....	47

7. FONTES E RECURSOS

8. UMA ÚLTIMA OBSERVAÇÃO

PREFÁCIO

Este guia é resultado de quatro anos de trabalho com a mídia, em dez países, sobre o tema da segurança no trânsito. Entre 2011 e 2014, a OMS contemplou mil e trezentos jornalistas por meio de workshops a respeito de segurança no trânsito na esperança de aumentar o interesse, o conhecimento e a compreensão sobre esse assunto surpreendentemente complexo. O resultado final que buscamos é ter não apenas um número maior de matérias publicadas e sim reportagens mais atraentes e abrangentes sobre as lesões causadas pelo trânsito e seu impacto na vida das pessoas.

Todos os dias, cerca de 3.400 pessoas morrem no trânsito em todo o mundo. Vidas são drasticamente transformadas em questão de segundos. Mas ao tempo em que esses acontecimentos muitas vezes se tornam notícia, as matérias completas por trás desses eventos - o quê, quem, quando, por que e como esses poderiam ter sido evitados - nem sempre são bem desenvolvidas.

Contudo, as lesões e mortes no trânsito podem ser prevenidas. A Década de Ação pela Segurança no Trânsito 2011-2020, proclamada pelas Nações Unidas, destaca principalmente - mas não exclusivamente - as experiências dos países de alta renda, voltadas a iniciativas concretas e eficazes para mudar o modo como as pessoas se portam nas vias, melhorar as condições das vias e dos veículos que nelas trafegam, bem como os sistemas de atendimento de emergência. Neste contexto da “Década de Ação”, esforços vem sendo envidados para que tais experiências sejam repassadas aos países de baixa e média renda, nos quais a rápida motorização tornou-se flagrante e onde ocorrem mais de 90% das mortes no trânsito.

Sabemos que muitas pessoas morrem desnecessariamente nas vias em todo o mundo, mesmo nos países de renda alta, e sabemos como evitar essas mortes. Contudo, infelizmente, tal conhecimento não costuma encontrar espaço no noticiário, salvo em raras ocasiões. O objetivo deste guia é mudar este cenário.

Nas páginas seguintes, os jornalistas poderão encontrar novas abordagens, exemplos de matérias, projetos de todas as partes do mundo e dicas de editores, repórteres e especialistas em saúde pública.

Esperamos, o quanto antes, ver na mídia matérias mais aprofundadas sobre a segurança no trânsito e testemunhar uma nova era jornalística focada em soluções e em salvar vidas.

Dr. Etienne Krug

*Diretor do Departamento de Controle de Doenças Não Transmissíveis, Deficiências, Violência e Prevenção de Lesões
Organização Mundial da Saúde*



**POR QUE VOCÊ DEVE
LER ESTE GUIA**

“VOCÊ ESTÁ PERDENDO UMA DAS PRINCIPAIS REPORTAGENS DA ATUALIDADE”

por Tom Hundley, Centro Pulitzer para Cobertura Informativa de Crises



Tom Hundley é editor sênior do Centro Pulitzer para Cobertura Informativa de Crises. Antes de ingressar no Centro, Tom exerceu o jornalismo por 36 anos, tendo sido, por quase duas décadas, correspondente estrangeiro do *Chicago Tribune* e chefe dos escritórios do *Tribune* em Jerusalém, Varsóvia, Roma e Londres, fazendo reportagens em mais de 60 países.

Se você e sua agência de notícias ainda cobrem mortes no trânsito de forma tradicional, como se fossem “acidentes” aleatórios e isolados, de consequências tristes, mas inevitáveis, você está perdendo a chance de desenvolver uma das principais reportagens da atualidade.

Explicando de maneira simples, a carnificina que ocorre nas vias em todo o mundo é uma crise de saúde pública de proporções épicas. O número global de mortes já chegou a 1,24 milhão por ano e a estimativa é de que alcance 1,9 milhão em 2030 caso nada seja feito para reverter a tendência atual.

Se estatísticas como essas fossem devidas a micróbios, vírus ou alguma nova doença terrível, seria uma notícia de grande repercussão. Os jornalistas escreveriam sobre os impactos devastadores dessa catástrofe de saúde nas cidades e nos países. Doadores iriam mobilizar fundos para pesquisa em busca de uma cura. Conferências globais procurariam conscientizar o público e as celebridades emprestariam seus nomes à causa.

Contudo, nada disso acontece em relação às tão familiares mortes no trânsito. Uma notícia típica relata dada ocorrência, descrevendo resumidamente suas causas aparentes, registrando o nome dos mortos e tratando a coisa toda como um “acidente” infeliz.

A imprensa, especialmente em países de baixa e média renda, precisa entender que o que está acontecendo em nossas vias não é uma série de ocorrências infelizes, porém de certa forma inevitáveis, mas uma verdadeira crise de saúde pública, de proporções catastróficas, não só pelo número de vítimas, mas pelos efeitos para a sociedade como um todo.

Economistas e especialistas em desenvolvimento atualmente categorizaram o crescente número de mortes no trânsito nos países em desenvolvimento como uma crise “indutora de pobreza”, com impactos sentidos por gerações.

Os países de baixa e média renda concentram cerca de 50% dos veículos em circulação no mundo, mas 90% das mortes no trânsito. Na África e em partes da Ásia, há uma tendência de se ignorar o problema, reduzindo-o a um custo inevitável a ser pago pelo progresso econômico ou simplesmente aceitando-o como vontade de Deus.

Na condição de jornalista, você tem a oportunidade de colocar esta crise em perspectiva adequada, educar sua audiência e aumentar a consciência pública - e, em última análise, influenciar autoridades governamentais e formuladores de políticas, entre outros atores, a tomarem as medidas necessárias para corrigir o problema.

“Como jornalista, você tem a oportunidade de colocar esta crise em perspectiva adequada”

Cobrir o tema da segurança no trânsito requer mais que uma eventual familiaridade com as estatísticas de trânsito de um país. Como jornalista, é preciso ver o que está por trás dos números para entender a complexa interação dos vários fatores que, em última instância, levam às mortes no trânsito. A segurança viária é muito mais que o acidente fatal escondido nas páginas do jornal de hoje de manhã.

Este é um guia para jornalistas que querem contar uma história mais completa.





SOBRE O GUIA

“*Cobertura de segurança no trânsito: um guia para jornalistas*” é resultado de um longo trabalho junto a editores e repórteres em países de baixa e média renda. A publicação aborda inquietações e perguntas feitas por esses profissionais, que compartilharam conosco suas experiências durante esse período, e retribuímos com essa publicação seu inestimável engajamento com as equipes de segurança no trânsito da OMS.

O principal objetivo da publicação é ajudar, seja você editor ou jornalista, a entender as dimensões por completo da questão da segurança no trânsito. O documento foi desenhado para ajudar na redação de matérias mais aprofundadas sobre o assunto e identificar as oportunidades de expandir e sustentar a cobertura desse importante problema de saúde pública. Nos capítulos seguintes, você encontrará:

- Exemplos de como diferentes repórteres e veículos de comunicação têm desenvolvido matérias específicas sobre mortes no trânsito em um contexto mais amplo e significativo;
- Dicas de editores, jornalistas e especialistas em segurança no trânsito sobre novas maneiras de cobrir o tema; e
- Recursos e ferramentas que podem agregar profundidade às suas matérias sobre segurança no trânsito.



SEGURANÇA NO
TRÂNSITO RENDE
PAUTA

Quando perguntamos aos repórteres o que os impede de escrever sobre este tema de uma forma diferente, eles nos dizem que, com exceção ao acidente, o assunto não é percebido como de interesse jornalístico e que lhes faltam ideias para encontrar ângulos para a notícia ou acessos a boas fontes de informação. E o mais importante: ainda que queiram escrever sobre segurança no trânsito não recebem, em geral, apoio dos editores.

Decidimos abrir este guia apresentando as opiniões pessoais e matérias de editores e jornalistas mundo afora que pensam de maneira diferente. Nas páginas seguintes, você lerá, entre outras histórias, por que uma editora do *The Guardian* entende que vale a pena cobrir o tema segurança no trânsito, como um jornalista *freelancer* emplacou sua matéria sobre segurança no trânsito e saúde na revista *Time* e como um jornalista da BBC transformou dados complexos em um projeto de mídia sobre segurança no trânsito que teve um milhão de acessos.

Suas histórias são fontes de inspiração e cheias de dicas.



“COMO EDITORA, TE DIGO: VALE A PENA.”

por [Annie Kelly, *The Guardian*](#)



Annie Kelly é editora e jornalista do *The Guardian*. Em 2012, foi nomeada editora encarregada do projeto “Global Road Safety in Focus” do *The Guardian*, uma iniciativa de jornalismo multimídia de dois anos, pioneira em uma nova forma de cobrir o tema.

Quando comecei como editora encarregada do projeto “Global Road Safety in Focus”, do *The Guardian*, não tinha qualquer conhecimento sobre as questões relativas à segurança no trânsito. Apesar de ter escrito reportagens sobre desenvolvimento global por mais de uma década, nunca havia considerado a segurança viária como uma grande questão de saúde global, uma barreira significativa para a educação e um obstáculo à redução da pobreza no mundo.

Eu sabia que não estava só. As conversas iniciais sobre o projeto resultavam em olhares vagos de meus colegas da editoria internacional e da redação. Como poderíamos criar um jornalismo atraente sobre lombadas e passarelas de pedestres? Quem, fora da comunidade de segurança no trânsito, leria?

Desde o início, minha intenção era a de transformar aqueles olhares vazios em matérias sobre trânsito nas pautas de todos os editores do *The Guardian* em Londres. Para isso, ficou claro que teríamos que encontrar não só bons ganchos, mas maneiras de dar à segurança no trânsito uma perspectiva de forte interesse humano.

“Ficou claro que teríamos que encontrar não só bons ganchos, mas também maneiras de dar à segurança no trânsito uma perspectiva de forte interesse humano.”

Algumas das primeiras matérias que pedimos eram tentativas de estabelecer essa perspectiva. Escrevemos uma matéria sobre como a taxa de homicídios na África do Sul é quase igual ao número de pessoas que morriam nas vias e como as crianças que tentam ir para a escola muitas vezes perdem suas vidas. Enviamos um repórter cinematográfico para acompanhar as “equipes dos bafômetros” do México, que estavam tentando conter a prática de dirigir sob efeito de bebidas alcoólicas em regiões de festas na Cidade do México, e colocamos um premiado fotógrafo em contato com um queniano com deficiência, que era

ativista de segurança no trânsito, para criar um belo áudio e um slideshow sobre a única clínica para lesões medulares do Quênia.

Como editora, meu principal desafio nos primeiros seis meses do projeto foi encontrar jornalistas capazes de escrever sobre segurança no trânsito com conhecimento de causa e de forma envolvente, e me assegurar de que não estávamos simplesmente repetindo o mesmo conteúdo em diferentes países. Foi quando rapidamente compreendi o que as matérias deveriam ter para serem mais significativas no projeto do The Guardian. Apresento a seguir algumas dicas sobre como conseguir emplacá-las.



O The Guardian lançou o projeto “Global Road Safety in Focus” em maio de 2012, com apoio financeiro do Road Safety Fund – uma das primeiras iniciativas de jornalismo financiadas por esse veículo de comunicação. A ideia foi fazer o projeto o mais multimídia possível, combinando texto, vídeos e fotos com opiniões e análises de especialistas, blog de dados e iniciativas interativas. Todo o conteúdo apareceria finalmente em um mini site de marca e também teria seu lugar na página inicial relativa ao desenvolvimento mundial, junto a outros produtos jornalísticos desse tema.



The screenshot shows the top navigation bar of The Guardian website, including links for 'become a member', 'sign in', 'subscribe', and 'search'. The main navigation bar lists various sections like 'UK', 'world', 'politics', etc. The 'Global road safety in focus' section is highlighted, featuring three article cards:

- 29 December 2014**
Cambodia launches campaign to cut carnage on its roads
Cambodian government needs to rigorously enforce new law aimed at cutting number of deaths caused by accidents, which have doubled in a decade.
© 11:22 AM
- 27 March 2014**
Guardian development network / Green machine: Dar es Salaam backs low-carbon buses to beat traffic jams
Tanzania's largest city to tackle effects of growing urbanisation by introducing high-capacity, low-carbon commuter buses.
© 2:42 PM
- 19 March 2014**
Uganda puts pedestrian and cyclist safety first in drive to improve its roads



DICAS

1. **Elaborar uma folha informativa** e estar com ela sempre que for conversar com o editor ou editora sobre suas reportagens. Não os bombardeie com estatísticas. Em vez disso, use os dados de maneira seletiva para enfatizar a importância do assunto.
2. **Fazer com que essas estatísticas sejam significativas**, colocando-as no contexto de objetivos de desenvolvimento, para oferecer um panorama mais amplo sobre como as mortes no trânsito são comparáveis a outras epidemias mundiais. É possível, por exemplo, relacionar o aumento das importações de automóveis após uma mudança na política comercial de um país ao crescimento do número de acidentes?
3. **Perguntar por quê**. Mesmo o fato de não haver dados pode ser uma história em si. Registros policiais subnotificam colisões e lesões não fatais. Em alguns países, menos de 50% das mortes no trânsito são relatadas à polícia. Por quê?
4. **Evitar o uso de muitos termos técnicos**. Por exemplo: “usuários vulneráveis das vias públicas” não significa nada para a maioria das pessoas que estão fora da comunidade de segurança viária. Se os descrevermos como vendedores que caminham ao lado das vias para levar suas mercadorias, ciclistas, passageiros de ônibus indo ao trabalho ou crianças que costumam andar até a escola, o tema, de repente, ganhará vida.
5. **Pensar no contexto**. A segurança no trânsito transpassa quase todos os pilares fundamentais do desenvolvimento global. Isso afeta os esforços do combate à pobreza, submetem os serviços de saúde, que já são carentes, a uma enorme pressão, bem como prejudica a vida das pessoas e dificulta o deslocamento das crianças para as salas de aula. Trata-se também de um importante assunto de financiamento. Enquanto bilhões são gastos todos os anos para a construção de novas rodovias, a segurança no trânsito ainda não é prioridade para muitos governos ou grandes financiadores do desenvolvimento.
6. **Enfatizar a necessidade de que a segurança no trânsito seja uma prioridade** nos objetivos de desenvolvimento posteriores a 2015. Questões de desenvolvimento ainda são frequentemente tratadas de forma isolada. Contudo, as mortes no trânsito representam uma enorme carga não apenas para pessoas, famílias e comunidades, mas também afetam o produto interno bruto de um país.
7. **Encontrar o lado humano da história**. Essa é provavelmente a dica mais importante de todas. A segurança no trânsito não é apenas uma questão de políticas, segurança ou desenvolvimento. É, acima de tudo, uma questão que diz respeito às pessoas, que frequentemente não têm outra opção a não ser caminhar – porque não dispõem de transporte público com preços acessíveis ou que precisam se deslocar em ônibus que não são seguros, assim como cruzar vias movimentadas e perigosas para chegar ao trabalho ou à escola. Pessoas que morrem em vias públicas são provavelmente as mais pobres e vulneráveis da população. É possível que alguém gravemente lesionado no trânsito nunca mais volte a trabalhar ou, pior, muito provavelmente nunca receberá qualquer indenização. Os efeitos dos acidentes de trânsito podem ser catastróficos e levar muitas famílias à pobreza.

“COMO PUBLIQUEI MINHA MATÉRIA NA TIME”

por [Geoffrey Cain](#), jornalista *freelancer*



Em Seul, Geoffrey Cain é correspondente sênior do *Post Global* na República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte) e na República da Coreia (Coreia do Sul). Anteriormente, o jornalista cobria a República da Coreia para a *Time*. É especialista em política, negócios e saúde e viajou por toda a Ásia, escrevendo para o *The Economist*, *The Wall Street Journal*, *Far Eastern Economic Review*, *Foreign Policy*, *The New Republic*, *Fast Company* e *The Christian Science Monitor*, entre outros.

Quando abordei meus editores, argumentei em favor da segurança no trânsito, destacando que era um assunto de sumo interesse com insuficiente cobertura midiática e que afeta milhões de pessoas, em geral pobres e com deficiência. Mostramos como essa situação afetava comunidades e nações inteiras, não apenas indivíduos.

A relevância desse panorama geral fez com que “comprassem” a pauta. A reportagem, com o título “Condutores perigosos: a última crise de saúde pública da Ásia?”, foi publicada em abril de 2011 e, até hoje, continua sendo uma das minhas matérias mais bem acolhidas. Acredito que ela teve uma série de elementos que explicam seu sucesso.

Comecei a matéria com uma vívida descrição de um terrível caso no Camboja, em que uma van cheia de pessoas que comemoravam um casamento foi destruída em uma rodovia. Em um momento em que pais e familiares celebravam com seus entes queridos, suas vidas foram ceifadas em uma tragédia evitável. Há maneira melhor de prender a atenção do leitor?

A tragédia do casamento, com todo seu drama, não era o núcleo da matéria, mas uma história para ilustrar um problema maior. Ela provocou uma comoção nacional, pois era um exemplo de matéria digna de nota e revelava uma questão arraigada no Camboja, mexendo com as pessoas e despertando a nação para o fato. Muitos se deram conta que esses eventos representam um custo imenso para o país e que algo precisava ser feito.

Depois de apresentar o episódio do casamento, a matéria na *Time* seguiu nesse sentido. As declarações sobre a extensão do problema foram fundamentadas por todos os tipos de números e análises de tendências: o percentual do PIB que representa custos com atenção à saúde, falta de fiscalização, educação para o trânsito e a proporção de famílias de baixa e média renda no total anual de mortes no trânsito.



© Mark Henley / Panos Pictures



A reportagem para a *Time* veio no início da Década de Ação pela Segurança no Trânsito 2011-2020. A malária e o HIV/Aids estiveram no centro dos movimentos pela saúde pública mundial na África e na Ásia. A segurança no trânsito não estava no escopo em princípio, mas começou a se tornar mais visível na linguagem de ação humanitária. Em outras palavras, a hora já era propícia para um jornalista mostrar que o foco de atenção do mundo estava mudando.

“A relevância desse panorama geral fez com que comprassem a pauta.”

Um bom jornalismo pode mostrar que a mudança é possível, desde que se encontre um ou dois bons exemplos. Para terminar o artigo para a *Time*, entrevistei um especialista da Malásia sobre os esforços de seu país contra os acidentes de trânsito fatais, que tiveram início há décadas, para que outros países pudessem aproveitar alguma lição dessa experiência.

“UM WORKSHOP MUDOU MINHA FORMA DE ESCREVER”

por Guilherme Paranaíba Gouveia,
Estado de Minas



Repórter do Estado de Minas, em Belo Horizonte, e graduado em jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Guilherme Paranaíba Gouveia trabalhou como repórter de televisão e na mídia impressa. Enquanto o *hard news* continua a constituir uma de suas atividades principais, Guilherme tem voltado sua atenção para coberturas especiais em segurança no trânsito, infraestrutura rodoviária e mobilidade urbana

As redações no Brasil, seja de rádio, televisão, jornais ou internet, tendem a cobrir assuntos relacionados à segurança no trânsito de forma isolada, como eventos desconectados. Devido às equipes reduzidas ou prazos apertados, as histórias são frequentemente verificadas por telefone, por entrevistas com uma ou duas fontes de informação, geralmente as polícias ou o Corpo de Bombeiros. Se os jornalistas não estiverem preparados para cobrir essas histórias, correm o risco de deixar de fora informações cruciais, esquecendo-se de perguntar sobre as evidências de consumo de álcool, excesso de velocidade ou problemas de manutenção das rodovias, por exemplo.

No início da minha carreira, tive dificuldade em fazer progressos nesse tema. O desafio era ter ideias de novos enfoques para estimular uma discussão mais aprofundada e ir além das típicas matérias sobre acidentes e congestionamentos, comuns na rotina do jornalismo.

Então, um dia participei de um *workshop* sobre segurança no trânsito na redação do Estado de Minas. Lá, os palestrantes nos mostraram que uma cobertura analítica mais abrangente do problema contribui para uma melhor compreensão das questões de segurança no trânsito. Eles explicaram como a cobertura desses assuntos pode pressionar autoridades a desenvolverem ações para aumentar a segurança no trânsito. Daquele ponto em diante, minhas matérias começaram a mudar.

“A ideia era acabar com a cultura da banalidade em torno das mortes no trânsito.”



NOVAS A
CONTRA
Mais 1 mil
caminhoneiros
vão combater
em MG. Esta
mais de 43 m



1ª página do caderno Gerais, do Estado de Minas, com a matéria feita por Guilherme: As vidas que o trânsito roubou (e ainda vai roubar).

Em uma das matérias mais significativas que escrevi após o workshop, comparei mortes no trânsito no primeiro trimestre de 2013 ao número de óbitos em tragédias nacionais amplamente relatadas, que impressionavam a opinião pública. A ideia era acabar com a cultura da banalidade em torno das mortes no trânsito para ilustrar a magnitude do problema em meu estado, Minas Gerais. Entrevistei vários especialistas para entender melhor por que as mortes no trânsito superavam, de longe, as decorrentes de outras tragédias.

AS VIDAS QUE O TRÂNSITO ROUBOU (E AINDA VAI ROUBAR)

PELO MENOS 561 PESSOAS MORRERAM NO TRÁFEGO EM MINAS EM 2013. NESSE RITMO, NÚMERO DE VÍTIMAS CHEGARÁ A 2.178 NO FIM DO ANO

Em 28 de janeiro, um desastre comoveu o país: depois do incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria (RS), 241 pessoas morreram. O episódio resultou em investigações e providências que repercutem até hoje. Longe do Sul, no trânsito mineiro, uma outra tragédia se repete todos os dias. Silenciosa e mais grave. Desde o início do ano, mais de 560 pessoas morreram em ruas e rodovias do estado. É como se a catástrofe gaúcha tivesse ocorrido duas vezes em menos de quatro meses. O quadro é assustador, mas não gera a mobilização que se seguiria à queda de dois aviões em 90 dias, por voos 3054, da TAM - com 199 óbitos em São Paulo, em 2007 -, e 447, da Air France, que matou os 228 ocupantes que seguiam do Rio para Paris, em 2009. E o pior: mantido esse ritmo, quase 2.180 pessoas terão morrido vítimas de carros, motos, caminhões e ônibus até o fim de 2013.

LEIA MAIS SOBRE A TRAGÉDIA NO TRÂNSITO NA PÁGINA 18



**COBERTURA DA
SEGURANÇA NO
TRÂNSITO COMO UM
PROJETO**



Repórteres nos dizem que a segurança no trânsito não traz muitas oportunidades para reportagens atraentes. Explicam que, depois de escreverem algumas matérias mais aprofundadas, esgotavam-se as formas de apresentar o tema aos seus editores e leitores. No entanto, consideramos que uma das principais causas de morte, que tira a vida de cerca de 3.400 pessoas todos os dias, não pode e não deve ser descartada pelas organizações de notícias. Quando buscamos saber como os repórteres cobriam a segurança no trânsito no mundo, encontramos projetos inovadores e criativos que atraíam a atenção de muitos leitores.

Nessas matérias, os repórteres salientaram que os dados podem ser uma parte essencial de matérias mais detalhadas sobre segurança no trânsito. Para esta seção, convidamos dois repórteres para falar sobre suas experiências em transformar grandes tabelas com números em narrativas ricas e fascinantes, lidas por milhões de pessoas.

A primeira matéria é um exemplo de jornalismo fundamentado em dados, com base na realidade de um país, e com uma forte perspectiva humana. A segunda matéria é sobre um projeto que usa dados internacionais para apresentar o problema a partir de uma visão global e passar uma mensagem de advocacy.

Ambas as iniciativas são inspiradoras pelo interesse que seus relatos baseados em dados sobre segurança viária despertaram, pelo seu uso de um *software* de código aberto e sua abordagem multimídia.

“EU QUERIA ESCREVER SOBRE AS MORTES NO TRÂNSITO DE UMA FORMA DIFERENTE”

por [Adrian Brown](#), BBC



Adrian Brown é jornalista e passou mais de 20 anos trabalhando nos Balcãs, França e Reino Unido para jornais, agências de notícias internacionais e para a BBC.

Esteve por seis anos na BBC News on-line, criando matérias originais sobre diversos assuntos. Trabalha atualmente para os serviços internacionais de notícias e televisivos da BBC.

Foi trabalhando na BBC online e me especializando em jornalismo de dados que realmente comecei a me interessar, de fato, pelas mortes no trânsito. Eu queria experimentar o relato desses casos de um jeito diferente, aproveitando as múltiplas possibilidades da internet para apresentar as circunstâncias e informações detalhadas, bem como o lado humano dessas tragédias.

Como parte de seu apanhado geral sobre mortes no trânsito, o Departamento de Transportes do Reino Unido publica um relatório anual com números destacados ao lado de análises e dados detalhadamente desagregados. É um documento fantástico, cheio de preciosidades estatísticas e detalhes que saltam aos olhos.

O elemento central do nosso projeto era um mapa online em que podíamos fazer buscas das mortes no trânsito na Grã-Bretanha. Isso permitia que os usuários digitassem um local e vissem todos os acidentes fatais ocorridos nessa área. Ao clicar no ponto de ocorrência, uma caixa de diálogo aparecia, informando se a vítima era um pedestre, um motorista ou um ciclista, e também quando havia ocorrido o evento, além de informações adicionais. A principal fonte do mapa eram os dados oficiais sobre ocorrências, um sistema padronizado para registro de acidentes iniciado em 1979. Com informações complementadas pela polícia, o sistema STATS19 registra uma ampla gama de informações sobre cada ocorrência, incluindo a hora, data, local, condições da via, veículos e vítimas envolvidas.

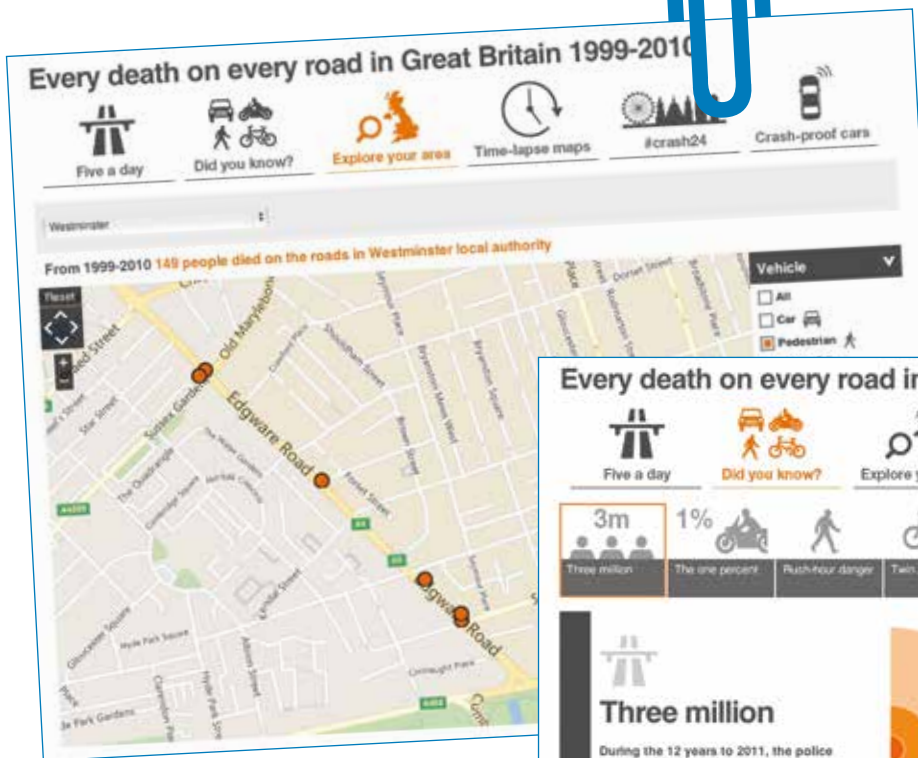
“Eu logo percebi o potencial jornalístico de dados coletados ao longo de vários anos dispostos em um recurso interativo online.”

Fatores coadjuvantes como velocidade, condições do tempo e depoimentos de pessoas envolvidas, também estão disponíveis. Ao rastrear um desses documentos, logo percebi

o potencial jornalístico de dados coletados ao longo de vários anos dispostos em um recurso interativo online.

Um corte de dez anos dos dados do STATS19 que usei como amostra gerou uma planilha com mais de um milhão de linhas de dados, todos em células codificadas que pude decifrar com uma “cola” providencial. Lidar com essa quantidade de dados, no entanto, exigiu que eu fizesse um curso de Excel para poder filtrar os dados e obter os detalhes de que precisávamos. Logo consegui listas e tabelas dinâmicas que me revelaram boas pautas.

Meus colegas programadores rapidamente conseguiram situar os acidentes em um mapa interativo online e transformar os dados em gráficos, que mostravam o número de colisões fatais ao longo de um período típico de 24 horas; padrões de ocorrências em uma semana típica e suas variações, segundo a idade das vítimas. Uma série de infográficos também foi encomendada. Embora mapas e infográficos sejam uma ótima maneira de apresentar dados complexos de uma forma atrativa, também podem parecer frios para algumas pessoas, carecendo de um olhar humano para o fato. Por isso, tentei duas abordagens diferentes.



Primeiro, investiguei um único acidente fatal, recontando todo o episódio do ponto de vista dos envolvidos, desde a parceira do homem que morreu até o médico que certificou a morte no hospital, passando pelos serviços de resgate, que atenderam ao incidente. Foi uma experiência banal, mas a matéria de 2.500 palavras resultante dela recebeu mais de um milhão de acessos naquele dia. Algo notável quando se considera que uma história de um homem derrubado de sua scooter normalmente mereceria apenas alguns parágrafos.

“A matéria de 2.500 palavras recebeu mais de um milhão de acessos naquele dia.”

O segundo projeto era igualmente ambicioso. Queria saber de que forma eu poderia informar os acidentes no trânsito de um dia para dar uma ideia da magnitude que representavam as centenas de colisões que aconteciam diariamente. Então, tive a ideia de acompanhar o serviço de ambulância de Londres por um dia. Pude constatar que há, em média, cerca de 80 chamadas relativas a colisões nas vias todos os dias na capital. Em um período de 24 horas, haveria atividade suficiente para ser acompanhada por uma equipe de 12 repórteres, cada um fazendo gravações para televisão e internet. Para fazer essa cobertura, criamos uma página na internet que nos permitia inserir comentários e detalhes ao longo do dia. Também contamos com duas equipes de televisão, o que nos permitiu colocar uma matéria no noticiário da hora do almoço e outra, mais longa, para o principal boletim de notícias vespertino da estação de televisão da BBC de Londres. Todo aquele trabalho se mostrou um enorme sucesso em acessos online, com mais de um milhão de visitas à página e uma interação frenética nas mídias sociais. Conseguimos não só relatar ao vivo cada incidente, com detalhes, mas também provocar uma série de debates e discussões na internet que os telespectadores da BBC podiam seguir em um só lugar.

De maneira geral, eu diria que a resposta do público foi extremamente positiva. Recebemos inúmeros e-mails com elogios à BBC por abordar este assunto. Houve uma resposta particularmente expressiva para a matéria sobre a morte do condutor da scooter. Acho que o aspecto mais interessante dessa matéria é que, ao tempo que o interesse público é grande, o interesse oficial em abordar a questão é baixo e desprezível. Muitos reconhecem que existem soluções possíveis para reduzir o número de mortes a poucas centenas, ou mesmo, como a Suécia se comprometeu a alcançar, a zero. Contudo, parece haver pouca vontade política para alcançar este objetivo.

Os dois projetos apresentados podem ser vistos aqui:
<http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/magazine/8344025.stm>
<http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/8412891.stm>



“VISUALIZAÇÃO CRIATIVA DE DADOS PARA UMA AUDIÊNCIA MUNDIAL”

por Tom Hundley,
Centro Pulitzer
para a Cobertura
de Crises

O Centro Pulitzer para a Cobertura de Crises voltou sua atenção para a segurança viária após um encontro casual entre Jon Sawyer, fundador do Centro Pulitzer, e uma especialista em segurança no trânsito do Banco Mundial, que contou a Sawyer sobre sua frustração com a falta de cobertura da mídia e consciência pública do que caracterizou como “a maior crise da saúde pública, sobre a qual ninguém ouve falar”. Após mostrar os dados a Sawyer, o Centro Pulitzer demandou o projeto “Roads Kill”.

Com uma rede de mais de 300 jornalistas trabalhando na África, nas Américas, na Ásia e na Europa, o Pulitzer estava em boa posição para fazer reportagens em primeira mão sobre questões de segurança no trânsito em quase todos os cantos do mundo.

A principal característica do projeto é um mapa dinâmico e interativo, construído com dados do Relatório sobre a Situação Global da Segurança no Trânsito 2013 da OMS e ferramentas de software de código aberto. O mapa combina dados sobre taxas de mortalidade no trânsito a um fluxo constante de matérias dos repórteres do Centro Pulitzer ao redor do mundo. Um tour animado pelos fatos de segurança no trânsito serve como uma introdução à narrativa, permitindo aos usuários se concentrarem em regiões ou explorar áreas que lhes sejam de especial interesse.

Nós queríamos que o mapa fosse um catalisador para um jornalismo aprofundado sobre a segurança no trânsito. Também queríamos que fosse utilizável e “customizável”, em uma plataforma para proporcionar engajamento sobre o assunto. O mapa foi totalmente incorporado e, quando o projeto foi lançado em agosto de 2013, convidamos todas as agências de notícias interessadas para fazer uso deste recurso em seus próprios portais na internet, gratuitamente. Leitores também foram convidados a inserirem o mapa em seus blogs ou sites.

A resposta até o momento tem sido muito animadora. O mapa vem sendo *linkado* por centenas de blogueiros e pelos principais meios de comunicação, incluindo o Washington Post, The Chicago Tribune, Slate, Gizmodo, The Car

Connection, The Daily Dish, The Daily Mail, El Pais, Discovery, Fast Company, ABC, Vice, PBS e Visual.ly.

Quase um milhão de pessoas viram o mapa desde seu lançamento, em agosto de 2013, e muitos já tuitaram e postaram sobre seus pontos principais. Pudemos manter o projeto atualizado, adicionando pelo menos uma ou duas matérias mensalmente, destacando-as em nosso site. A maioria das cerca de 30 reportagens no país foram contribuições dos bolsistas do Pulitzer Center, trabalhando em projetos independentes em diversas partes do mundo, mas tivemos também excelentes contribuições de fontes externas.

“Projetos como este mostram como o jornalismo continua a evoluir para além do padrão de reportagens e investigações.”

Ainda que o “Roads Kill” seja um projeto global, o modelo pode ser facilmente aplicado a projetos de reportagem sobre segurança no trânsito nacionais ou regionais. Segundo o Visual.ly, “projetos como este mostram como o jornalismo continua a evoluir para além do padrão de reportagens e investigações. A internet está se abrindo a um público global e, à medida em que muda a escala do público, muda-se a da reportagem. Um projeto como esse demanda um esforço concertado entre diferentes pessoas em diferentes organizações – e valoriza todos.”





04

OS CHAMADOS
ACIDENTES DE
TRÂNSITO NÃO SÃO
"ACIDENTES"



Neste guia, abordamos reportagens sobre segurança no trânsito a partir de três perspectivas distintas: seus efeitos na saúde pública; as formas como os usuários das vias são impactados; e como a legislação sobre segurança viária pode reduzir lesões e mortes no trânsito. O objetivo é ajudar jornalistas a construir uma estrutura para sua própria reportagem, sugerir ângulos possíveis e apresentar alguns exemplos do que outras publicações e veículos de comunicação fizeram.

Quantas vezes você já pensou sobre as implicações das ocorrências no trânsito no setor de saúde pública? As mortes no trânsito, especialmente nos países em desenvolvimento, são tratadas como um inevitável subproduto do crescimento econômico e da maneira rápida com que a motorização das massas se dá. Parece haver uma mentalidade na qual tudo o que acontece nas vias é problema apenas das pessoas responsáveis pelo gerenciamento de infraestrutura e dos transportes. Contudo, sistemas de transportes mal planejados e administrados podem ter consequências em vários

setores da sociedade, principalmente na saúde pública.

Da próxima vez que você tiver a oportunidade de escrever sobre uma colisão fatal, considere o seguinte:

- As lesões no trânsito continuam sendo uma das principais causas de morte.
- As lesões no trânsito representam uma grande carga sobre os serviços de saúde pública, que já estão no limite de sua capacidade.
- As lesões no trânsito afetam a qualidade de vida.

Nas próximas páginas, você encontrará alguns conceitos-chave para sua narrativa, para cada ângulo proposto, bem como links com exemplos de matérias relevantes sobre segurança viária, escritos por repórteres em todo o mundo. Os links para os artigos estão ativos na versão on-line do guia.

ÂNGULO DE MATÉRIA 1: OS ACIDENTES DE TRÂNSITO SÃO UMA DAS MAIORES CAUSAS DE MORTES DA ERA MODERNA.

Cerca 1,24 milhão de pessoas morrem anualmente em consequência de mortes no trânsito – o que representa mais de 3.400 mortes por dia. Em nível mundial, as lesões ocorridas no trânsito são a nona principal causa de morte, à frente da malária e da diabetes e não muito atrás do HIV/aids. Essas lesões são, em termos globais, a principal causa de morte entre os jovens com idade entre 15 e 29 anos, atingindo um importante segmento da força de trabalho. Metade das pessoas que morrem no trânsito, em todo o mundo, representam o que os analistas de segurança viária denominam “usuários vulneráveis das vias” – pedestres, ciclistas e motociclistas.

“Nós sabemos como reduzir as lesões e mortes no trânsito”

Como qualquer reportagem que lida com uma crise de saúde pública, sua matéria sobre segurança no trânsito deve ser enquadrada em um contexto que permita destacar os aspectos da situação relacionados à saúde. A chave é fazer as perguntas certas. A quem isso afeta? Que magnitude tem? Como o problema pode ser solucionado? Boas estatísticas e dados são essenciais para esse tipo de matéria.

Se o governo local ou nacional adotou novas medidas de segurança, você pode usar a oportunidade para informar sobre as implicações que isso tem para a saúde pública, como a matéria da Austrália o faz nos exemplos adiante. Mas, se você está fazendo uma matéria em um país onde as pessoas estão apenas começando a se conscientizar quanto ao problema e nenhuma discussão substancial vem

sendo realizada em nível nacional, você pode escrever sobre estratégias bem-sucedidas, adotadas em outros países que enfrentaram o mesmo problema. Intervenções eficazes para a segurança no trânsito dependem muito do contexto de cada país, mas a resposta a um problema específico que você tenha identificado provavelmente teve sucesso em algum lugar no mundo. Isso pode ser uma maneira útil de estruturar sua reportagem e propor soluções potenciais para os tomadores de decisão de seu país.

Em suma, o conjunto de pesquisas e dados relacionados à segurança no trânsito e à saúde pública é vasto e muitas vezes acessível. Ao contrário de algumas crises de saúde pública em que não há vacina ou cura, já sabemos como reduzir as lesões e mortes no trânsito e muitos países já conseguiram fazê-lo. Matérias sobre essas constatações, como as apresentadas abaixo, podem ser oportunidades para os meios de comunicação darem atenção a essa epidemia mortal, sem depender de ganchos como um desastre fatal.

EXEMPLOS DE MATÉRIAS RELACIONADAS

- [The world's 10 leading causes of death, CNBC](#)
- [Why are roads one of the world's biggest killers?, The Guardian, podcast](#)
- [Youth dying on roads put traffic cops on alert mode, Bangalore Mirror](#)
- [Tougher laws for young drivers, The Australian](#)
- [Bangalore learns Swedish lessons in urban planning, Times of India](#)
- [For walkers and cyclists, a Swedish road-planning strategy helps save lives, San Diego Free Press](#)



ÂNGULO DE MATÉRIA 2: AS LESÕES OCORRIDAS NO TRÂNSITO AFETAM A QUALIDADE DE VIDA.

Mortes no trânsito dão manchetes, mas você já pensou em escrever sobre as pessoas que sobreviveram e agora passam longos dias de dor, adaptando a moradia para suas novas necessidades físicas ou tentando encontrar um novo lugar na sociedade?

“O número de mortes representa apenas a ponta do iceberg”

O número de mortes representa apenas a ponta do iceberg do capital humano e dos recursos sociais perdidos nas vias. Estima-se que entre 20 e 50 milhões de pessoas são feridas por ano no trânsito. Essas lesões tendem a ser altamente subnotificadas, por isso é difícil estimar com mais precisão a carga indireta representada pelos que não foram mortalmente feridos. Um cálculo conservador mostra que, para cada morte no trânsito, 15 pessoas demandam tratamento hospitalar e 70 sofrem ferimentos leves.

Ferimentos no trânsito muitas vezes resultam em lesões na medula espinhal, que mudam radicalmente a vida das vítimas, seja por incapacitá-las permanente ou expô-las a uma infinidade de desafios. Elas enfrentam barreiras físicas à mobilidade básica, assim como atitudes negativas que as excluem da plena participação na sociedade.

Pessoas com lesões medulares têm de duas a cinco vezes mais probabilidades de morrer prematuramente. Têm também taxas mais baixas de matrículas nas escolas e de participação na vida econômica. A lesão na medula espinhal também está associada aos riscos secundários que podem ser debilitantes e até fatais, e tornam

as pessoas altamente dependentes de cuidadores.

A publicação *International perspectives on spinal cord injury*, da OMS, mostrou que, na Região Africana, o trânsito é a principal causa destes ferimentos, respondendo por quase 70% dos casos. Em outras regiões da OMS, as lesões medulares relacionadas ao trânsito compreendem de 40% de no Sudeste Asiático a 55% na Região do Pacífico Ocidental. Como todas as lesões, as na medula espinhal são evitáveis.

Outra maneira de fazer esta matéria é por meio de pessoas que se tornaram ativas militantes da causa após terem sofrido lesões no trânsito. Essas pessoas e suas vidas podem ser uma fonte poderosa de matérias de interesse humano, que não apenas chamam a atenção para questões de segurança viária, mas também podem inspirar outros que procuram lidar com semelhantes tragédias.

As matérias abaixo ilustram como os repórteres podem abordar o impacto do trânsito nos sistemas de saúde pública.

EXEMPLOS DE MATÉRIAS RELACIONADAS

→ [Kenya road crash victims, *The Guardian*](#)

→ [Zambia's healthcare system in need of an MOT as road accidents increase, *The Guardian*](#)

→ [Dubai crash victim warns of dangers of car modifications, *The National*](#)

ÂNGULO DE MATÉRIA 3: OS SISTEMAS DE SAÚDE PÚBLICA ESTÃO SOBRECARRREGADOS DEVIDO ÀS LESÕES CAUSADAS PELO TRÂNSITO.

A visão mais comumente associada às matérias sobre colisões no trânsito é a cena do evento – o veículo batido ou capotado, vidros quebrados e os pertences das pessoas espalhados no asfalto. No entanto, outra imagem poderosa pode ser a de uma sala de emergência superlotada e profissionais de prontos-socorros sobrecarregados. As lesões no trânsito impõem uma carga pesada aos sistemas de saúde, particularmente em países de baixa e média renda, onde o número de vítimas é particularmente elevado e os recursos disponíveis são invariavelmente escassos.

“Outra imagem poderosa pode ser a de uma sala de emergência superlotada e profissionais de prontos-socorros sobrecarregados”

Considere escrever a respeito da carga que recai sobre a estrutura de atenção à saúde em consequência das ocorrências no trânsito, como mostramos nos exemplos abaixo. Quantos leitos hospitalares são ocupados por pessoas feridas no trânsito? Por quanto tempo? E quanto custa à economia essa situação, que pode ser evitada?

Você também pode escrever uma reportagem que compara o custo da redução de lesões no trânsito ao custo dos cuidados aos feridos, lembrando que a atenção a essas lesões drena recursos escassos, que poderiam ser direcionados para o tratamento de problemas “menos evitáveis” na área da saúde.

O Relatório mundial sobre prevenção de lesões causadas pelo trânsito, da OMS, constatou que, em muitos países de baixa e média renda, entre 30 e 86% das admissões por traumas em hospitais resultam de lesões no trânsito. O período médio de internação foi de 20 dias, e, em alguns países, os pacientes feridos representaram 48% de ocupação dos leitos de centros cirúrgicos e foram os mais frequentes usuários de salas de cirurgia e unidades de terapia intensiva. As lesões do trânsito também sobrecarregam serviços de raios-x, fisioterapia e reabilitação. Esse tipo de análise pode ser feito em nível nacional ou local, verificando dados prontamente acessíveis produzidos por hospitais locais ou Ministérios da Saúde, como nos exemplos abaixo.

EXEMPLOS DE MATÉRIAS RELACIONADAS

- [Traffic tragedies threaten to overwhelm Bangladesh's emergency wards, *The Guardian*](#)
- [Road death, cancer and diabetes becoming Africa's hidden epidemics, *The Guardian*](#)
- [Reinventing the wheel, *The Economist*](#)
- [Bangladesh's road accidents take a heavy toll on poor – and on economy, *The Guardian*](#)
- [Cold ones and cars do not mix in Cape Town, *The Pulitzer Center*](#)



IDEIAS ADICIONAIS PARA OUTRAS MATÉRIAS SOB O ÂNGULO DA SAÚDE PÚBLICA

1. Comparação com outras enfermidades: quantas pessoas morrem no trânsito em seu país? Como esse número se compara ao número de pessoas que morrem devido ao HIV/aids, malária ou tuberculose? E quanto às outras doenças infecciosas comuns, como a dengue? Como a quantidade de dinheiro gasto para a prevenção das mortes no trânsito se compara ao montante gasto com outras doenças?
2. Quem são as principais vítimas dos acidentes de trânsito em seu país? Jovens? Homens? Pessoas em veículos de duas rodas? Pessoas que não usam cintos de segurança ou capacetes?
3. Atenção pós-acidente e serviços de emergência: quais serviços de emergências existem no seu país? Você pode chamar uma ambulância? Quanto isso custa e quem tem acesso? O que é a chamada “hora de ouro”?





JORNALISMO DE SOLUÇÕES

Como salientamos ao longo deste guia, a segurança no trânsito é um problema que apresenta soluções eficazes. Nesse sentido, um jornalismo voltado a soluções pode ser particularmente útil para se falar sobre a segurança no trânsito. Um dos pioneiros no campo é a Rede de Jornalismo de Soluções <www.solutionsjournalism.org>. Uma organização com base em Nova York que oferece suporte a jornalistas na produção de matérias convincentes e rigorosas sobre respostas para os problemas sociais.



Como explica Tina Rosenberg, cofundadora da Rede de Jornalismo de Soluções, o verdadeiro jornalismo de soluções não é advocacy (promoção e defesa de uma causa). “Não é jornalismo raso, de relações públicas ou para ‘se sentir bem’”, diz. “É reportagem rigorosa e convincente, que examina a raiz dos problemas e aborda respostas realistas – porque esses estão de fato acontecendo”.

“É inadequado para os jornalistas simplesmente apontarem o que está errado e esperarem que a sociedade crie leis melhores ou fiscalize adequadamente”.

“A teoria da mudança predominante do jornalismo é que apontar problemas sociais estimula a mudança. Jornalistas atuam como denunciadores e expõem as irregularidades, mas não teriam outro papel além disso. Acreditamos que esta teoria da mudança é insuficiente. É inadequado para os jornalistas simplesmente apontarem o que está errado e esperarem que a sociedade crie leis melhores ou fiscalize adequadamente. Os problemas do mundo são simplesmente muito complexos e se transformam muito rapidamente. As pessoas devem conhecer exemplos plausíveis de respostas aos problemas para estarem em condições de atuar com discernimento, sendo capazes de criar uma sociedade melhor. Nesse contexto, o jornalismo deve ampliar seu papel tradicional, destacando as respostas adaptáveis aos males sociais mais arraigados, suscetíveis a adaptações”.

A Rede de Jornalismo de Soluções publicou recentemente um toolkit (conjunto de ferramentas) gratuito com 48 páginas para auxiliar os repórteres no processo da prática do jornalismo de soluções, que vai desde encontrar uma resposta que valha a cobertura até engajar leitores/espectadores em uma matéria. O toolkit está disponível em <www.solutionsjournalism.org>. O site inclui um exemplo interessante da matéria sobre segurança no trânsito do The New York Times, De Blasio olha para a experiência da Suécia em segurança viária.





SEGURANÇA NO TRÂNSITO E OS USUÁRIOS DAS VIAS

Muitas vezes lemos reportagens sobre pessoas que morrem ou sofrem lesões no trânsito, mas raramente vemos matérias sobre como o problema afeta todo um conjunto de pessoas. A vulnerabilidade no trânsito depende muito do que você faz e de quem você é.

A vulnerabilidade no trânsito depende muito do que você faz e de quem você é.

Se você vive em um país de baixa renda, se você conduz uma motocicleta ou tem entre 15 e 29 anos de idade, suas chances de se lesionar no trânsito são muito superiores às do resto da população. Estudos têm demonstrado que as lesões e mortes no trânsito têm um impacto desproporcional sobre os segmentos mais pobres e vulneráveis da sociedade. Mesmo em países de alta renda, as crianças em situação de pobreza estão em maior risco do que as crianças de famílias mais abastadas. Em países de baixa renda, pessoas de grupos socioeconômicos com menos recursos enfrentam o maior risco.

Se você quer escrever sobre segurança no trânsito com foco nas pessoas, nas diferentes categorias de

risco, há várias maneiras de fazê-lo. Esse tipo de abordagem ajuda os leitores a entenderem melhor os fatores de risco que se aplicam a eles ao mesmo tempo em que sugere passos para reduzir suas vulnerabilidades. Proporcionar aos leitores mais conhecimento pode contribuir para reduzir mortes e lesões no trânsito.

Nas páginas seguintes, você vai encontrar alguns conceitos-chave para sua narrativa sob dois ângulos propostos, bem como links para exemplos de matérias de segurança viária relevantes, escritos por repórteres em todo o mundo. Os links estão ativos na versão PDF *on-line* do guia.







ÂNGULO DE MATÉRIA 1: CERTOS GRUPOS SÃO MUITO MAIS VULNERÁVEIS ÀS LESÕES NO TRÂNSITO.

O gancho da notícia nestas reportagens é, muitas vezes, um novo estudo ou estatísticas, que podem ser úteis e interessantes se focam em um aspecto específico do problema e sugerem uma solução ou intervenção possível. Considere como o problema afeta um segmento específico, como jovens, condutores e passageiros de ciclomotores, que têm se tornado o modo de transporte dominante em países em desenvolvimento, ou pessoas em uma área geográfica específica.

Estatísticas que demonstram que as possibilidades de morrer em um acidente de trânsito dependem de onde as pessoas vivem, de sua idade ou do não uso do capacete podem ajudar os leitores a identificarem o problema e também servir de base para narrativas pessoais interessantes.

Há também muitas matérias que podem ser feitas a respeito de ações concretas para reduzir a vulnerabilidade de determinados grupos, como criar e fazer a manutenção da pintura das travessias de pedestres, construir passarelas ou lembrar os

pedestres de guardarem seus *smartphones* e prestarem atenção por onde caminham.

Matérias como as dos exemplos abaixo trazem um forte elemento de interesse humano, à medida que apresentam indivíduos que de alguma forma são vulneráveis. Preste atenção particularmente na matéria “O direito de andar é um direito à saúde”, do *The Hindu*, que foca nos pedestres e na falta de calçadas adequadas na Índia. O repórter associa os benefícios diretos e indiretos à saúde do ato de caminhar.

EXEMPLOS DE MATÉRIAS RELACIONADAS

→ [Traffic accidents are ‘biggest killer of young people worldwide’, report says, *The Guardian*](#)

→ [South Africa’s lack of road safety forces children to run the gauntlet, *The Guardian*](#)

→ [Right to walk is right to health, *The Hindu*](#)

→ [Nine out of 10 parents move child out of booster seat too soon, study finds, *The Washington Post*](#)



ÂNGULO DE MATÉRIA 2: GRUPOS DE INTERESSE E ORGANIZAÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO AO TEMA PODEM TRAZER UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE PROBLEMAS JÁ CONHECIDOS.

Organizações de *advocacy* costumam fazer um bom trabalho ao destacar as particulares preocupações de grupos como condutores idosos e ciclistas urbanos. A Aliança Global de ONGs para Segurança Viária (www.roadsafetyngos.org) conta com 140 organizações associadas em 90 países. Essas organizações podem ser um valioso recurso para os jornalistas em todo o mundo; seu leque de atividades inclui ações como o apoio às vítimas e familiares, defesa dos direitos de usuários das vias ou promoção de iniciativas de segurança. Para escrever reportagens sobre segurança no trânsito, esteja atento às organizações não governamentais (ONGs) que lidam com o tema em sua cidade ou país e que tipo de informações se pode obter delas.

Esteja atento às organizações não governamentais (ONGs) que lidam com o tema em sua cidade ou país e que tipo de informações é possível obter com elas.

Aqui está um exemplo do que estamos falando: especialistas em segurança viária geralmente concordam que uma aplicação mais rigorosa das leis é fundamental para a mudança de comportamento. No entanto, políticos muitas vezes preferem fazer vista grossa para as infrações comuns, considerando que uma aplicação rigorosa, por exemplo, das leis sobre o uso do cinto de segurança, seria impopular com os motoristas

e poderia custar-lhes as próximas eleições. Mas as pessoas são realmente contra uma aplicação rigorosa da legislação relativa à segurança no trânsito?

Uma ONG que trabalha com o tema na Turquia decidiu responder essa pergunta, questionando diretamente os usuários das vias sobre o que achavam de mudar a lei vigente e estabelecer multas mais altas para pessoas que não usam o cinto de segurança. Os resultados foram surpreendentes: 85% dos entrevistados eram favoráveis a aumentar as sanções por não usar o item de segurança. Como seria de se esperar, a mídia na Turquia mostrou grande interesse por essa matéria.

EXEMPLOS DE MATÉRIAS RELACIONADAS

- [We are not afraid of dying, but of getting fined, *Zaman*](#)
- [Safety experts to pedestrians: Put the Smartphone down and pay attention, *The Washington Post*](#)
- [China pushing child safety seats to reduce accident toll, *Bloomberg News*](#)





SEGURANÇA NO TRÂNSITO E LEGISLAÇÃO

Quando se trata de mudar comportamentos de risco, a legislação pode ser um instrumento eficaz para reduzir lesões e mortes no trânsito. Para um jornalista interessado em soluções, escrever sobre a fiscalização da lei é outra abordagem possível.

Se você estiver disposto a buscar algum dos muitos recursos disponíveis, as matérias sobre a legislação de segurança viária podem ser projetos jornalísticos estimulantes e desafiadores. Podem ser peças oportunas, que contribuem para o debate e esclarecimento sobre o que deve ser alterado, como e por quê. Matérias sobre segurança no trânsito com foco na legislação podem:

- refletir sobre um debate, incentivar a discussão pública e a participação;
- ajudar leitores e usuários das vias a acompanhar e entender o debate sobre um projeto de lei que os afetará diretamente; e
- dar voz às pessoas que não têm oportunidade de opinar no debate, como os que advogam causas ou representam grupos de usuários das vias.

Encontramos um bom exemplo de como essas matérias podem contribuir para o debate na Austrália, onde a alarmante taxa de condutores jovens em acidentes de trânsito se tornou um tema nacional, em parte graças à mídia. Entre 2004 e 2008, a introdução das restrições

da habilitação graduada para motoristas novatos virou um tema de destaque na cobertura midiática e gerou centenas de artigos sobre os prós e os contras de cada medida proposta.

Quase toda matéria sobre uma ocorrência no trânsito é uma oportunidade para discutir a legislação pertinente. Ao mesmo tempo, deve-se ter em mente que este pode ser um alvo móvel, uma vez que a legislação, as estratégias de aplicação da lei e a tecnologia de segurança podem mudar e evoluir. Há alguns anos, por exemplo, uma boa matéria sobre uma colisão fatal envolvendo bebida alcoólica e direção normalmente incluiria uma menção à concentração máxima de álcool no sangue permitido por lei e a estratégia de fiscalização adotada pelo governo. Atualmente, uma matéria sobre o mesmo assunto poderia incluir referências às novas tecnologias, como dispositivos de bloqueio de ignição, que têm sido cada vez mais exigidos por lei.

Diversas reportagens oferecem oportunidades para explorar em profundidade ou simplesmente mencionar a legislação de trânsito ou segurança viária. Nas páginas seguintes, você encontrará algumas sugestões para a inclusão de informações sobre legislação de trânsito em suas matérias. Os links com exemplos de textos sobre segurança no trânsito escritos por repórteres em todo o mundo estão ativos na versão online do guia.

MATÉRIAS CRIADAS A PARTIR DE ACIDENTES NO TRÂNSITO

Imagine que você está escrevendo uma reportagem sobre uma colisão no trânsito, na qual uma ou mais pessoas foram mortas. Enquanto procura entender o que ocorreu, você pode verificar a legislação pertinente e analisar se ela foi – ou não – eficaz, e como poderia ser melhorada. No Brasil, por exemplo, uma criança de três anos foi morta em um táxi por não estar utilizando um assento para crianças. Ao cobrir essa trágica perda de uma vida, várias matérias questionaram por que a legislação brasileira não incluiu o uso obrigatório de mecanismos de retenção para crianças em táxis. Infelizmente, nenhuma dessas reportagens exploraram como essa medida é implementada em outros países onde esses mecanismos são obrigatórios nesses veículos.

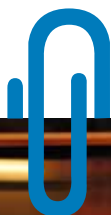
Outro exemplo vem da Índia, onde, em junho de 2014, um importante membro do governo morreu em um acidente de

trânsito. Gopinath Munde, ministro do Desenvolvimento Rural, estava sentado no banco traseiro de seu veículo sem usar o cinto de segurança. A maioria das manchetes sobre essa tragédia focaram mais no fato de Munde não estar usando o cinto do que em sua persona pública ou outros detalhes da ocorrência. Algumas matérias aproveitaram a oportunidade para questionar por que o uso de cinto de segurança no banco traseiro não é obrigatório na lei de trânsito da Índia e por que a aplicação da lei em geral é tão precária no país, como exemplifica outra matéria.

EXEMPLOS DE MATÉRIAS RELACIONADAS:

→ [Children's safety lacks monitoring. *O Dia Rio* \(Portuguese\)](#)

→ [Seat-belt could have saved Gopinath Munde. *DNA*](#)



MATÉRIAS ASSOCIADAS A NOVAS PROPOSTAS OU PROJETOS DE LEI

Reportagens sobre novas iniciativas legislativas - muitas vezes dispensadas por repórteres e editores como temas sem interesse, que provavelmente vão acabar esquecidas no papel - podem, com algum esforço, ser transformadas em peças informativas boas de ler. Esses textos jornalísticos ajudam a estruturar o debate e melhorar a compreensão dos leitores sobre o processo legislativo e como as novas medidas irão afetá-los diretamente. Um exemplo foi quando Joe Freeman do *Phnom Penh Post* fez uma matéria interessante sobre o sistema de licenciamento no Camboja, colocando-se no lugar do motorista e tentando obter certificação local.

Matérias sobre novas iniciativas na legislação podem, com algum esforço, ser transformadas em peças informativas boas de ler.

EXEMPLOS DE MATÉRIAS RELACIONADAS:

- [Traffic law almost at hand, *The Phnom Penh Post*](#)
- [Bring stringent norms in motor bill to check road death, *Business Standard*](#)
- [Road safety: the truths are out there, *Business Standard*](#)
- [In the driver's seat: the road to certification, *The Phnom Penh Post*](#)

As reportagens podem fazer referência à legislação como parte da análise global da segurança no trânsito, como no exemplo adiante. Mas mesmo as melhores leis perdem o sentido se não forem aplicadas. Assim, a aplicação da lei é outro tema crítico para os jornalistas, especialmente nos países de baixa e média renda, onde a falta de recursos, corrupção e hábitos arraigados relacionados à frouxidão na fiscalização contribuem para taxas de mortalidade crescentes. Como jornalista, você pode investigar e expor a corrupção, levantar a causa da necessidade de mais recursos para o policiamento e ajudar o público a entender que a aplicação eficaz da lei é de seu interesse. Você também pode lançar luz sobre os desafios da aplicação da lei, como mostram as matérias relacionadas.

EXEMPLOS DE MATÉRIAS RELACIONADAS:

- [Segurança das crianças nos carros é pouco fiscalizada, *O Dia Rio*](#)
- [Traffic law lack foot soldiers, *The Phnom Penh Post*](#)
- [Full community support for safety belts, *Memurlar*](#)
- [Americans left at risk as transportation safety fixes are delayed, *The Washington Post*](#)
- [Road to perdition, *Live Mint and The Wall Street Journal*](#)







FONTES E RECURSOS

Recursos e boas fontes são essenciais para a compreensão e elaboração de reportagens sobre segurança no trânsito. Fatos e dados podem agregar profundidade e credibilidade às suas matérias. A lista de recursos abaixo inclui reportagens, publicações técnicas e sites das organizações de segurança viária. Não é abrangente, mas pode ajudar os jornalistas a encontrar recursos adequados e fontes para uma variedade de abordagens.

Note que os *links* estão ativos na versão online deste guia.

Para obter mais informações e fatos, nós te convidamos a visitar nossa página “*Road Safety, media brief online*”, que inclui resumos sobre os principais fatores de risco, mitos mais comuns em reportagens sobre a segurança no trânsito e as perguntas mais frequentes sobre o tema.

POR PUBLICAÇÃO

- Global status report on road safety (GSRRS), 2013 (WHO)
- Global status report on road safety, 2009 (WHO)
- World report on road traffic injury prevention, 2004 (WHO)
- World Health Statistics, 2014 (Global Health Observatory, WHO)
- Annual report of the International Road Traffic and Accident Database (IRTAD), 2013 (OECD)
- Annual report of the United Nation Economic Commission for Europe, 2013
- World road statistic report, 2014 (International Road Federation)

POR TEMA

CUSTO DOS ACIDENTES DE TRÂNSITO E MEDIDAS DE SEGURANÇA VIÁRIA

- Cost–benefit analysis of road safety measures (SWOV)
- Crash costing (International Road Assessment Programme)
- Road crash cost (fact sheet, SWOV)
- Road safety annual report (International Road Traffic and Accident Database)

DADOS SOBRE LESÕES E MORTES NO TRÂNSITO

→ Dados globais

- Comparison of road traffic deaths with those from others diseases (Global Health Observatory, WHO)
- Injury accidents per 100 million vehicle–km (International Road Federation)
- International Road Traffic and Accident Database (OECD)
- Methodology for data collection, Global status report on road safety, 2013 (WHO)
- Road traffic fatalities per 100 000 population (WHO)
- Road traffic fatalities per 10 000 vehicles (OECD)
- Statistical annexes, World report on road traffic injury prevention, 2004 (WHO)
- Underreporting (OECD)

→ Dados regionais

- African Region (Global status report on road safety, 2013, WHO)
- Mortality in Africa: The Share of Road Traffic Fatalities (African Development Bank)
- Eastern Mediterranean Region (Global status report on road safety, 2013, WHO)
- European Region (Global status report on road safety, 2013, WHO)
- Eurostat, database of European statistics (EU)
- Inter-American Development Bank
- Region of the Americas (WHO)
- South-East Asia Region (Global status report on road safety, 2013, WHO)
- Western Pacific Region (Global status report on road safety, 2013, WHO)

→ Dados nacionais

- Country profiles (Global status report on road safety, 2013, WHO)

Organizações internacionais atuando na área de segurança no trânsito

- Amend
- Bloomberg Philanthropies
- Centers for Disease Control and Prevention: motor vehicle safety
- Embarq
- European Federation of Road Traffic Victims
- FIA Foundation
- Global Alliance of Nongovernmental Organizations for Road Safety
- Global Road Safety Partnership
- International Road Federation
- Road Traffic Injuries Research Network
- Safe Kids
- SWOV Institute for Road Safety Research
- Transport Research Board of the National Academies, Transport Research International Documentation database
- United Nations Road Safety Collaboration
- WHO
- World Bank
- YOURS: Youth for Road Safety

Mapas, imagens e audiovisuais

- Infographics (WHO)
- Global Health Observatory (WHO)
- Online library of road safety mass media campaigns (WHO)
- Mr Pedestrian, poster series (WHO)
- Roads Kill map (Pulitzer Centre)
- Road marks, poster series (WHO)
- Too late, poster series (WHO)

Projetos e Iniciativas

- Bloomberg Philanthropies global road safety programme in nine countries
- Decade of Action for Road Safety 2011–2020
- Global plan for the Decade of Action for Road Safety 2011–2020
- Make roads safe: the campaign for global road safety
- More on: Brazil, Cambodia, China, India, Kenya, Mexico, Russian Federation, Turkey, Viet Nam
- Third United Nations global road safety week: children and road safety (May 2015)
- World day of remembrance for road traffic victims (3ª semana de novembro)

Temas relacionados

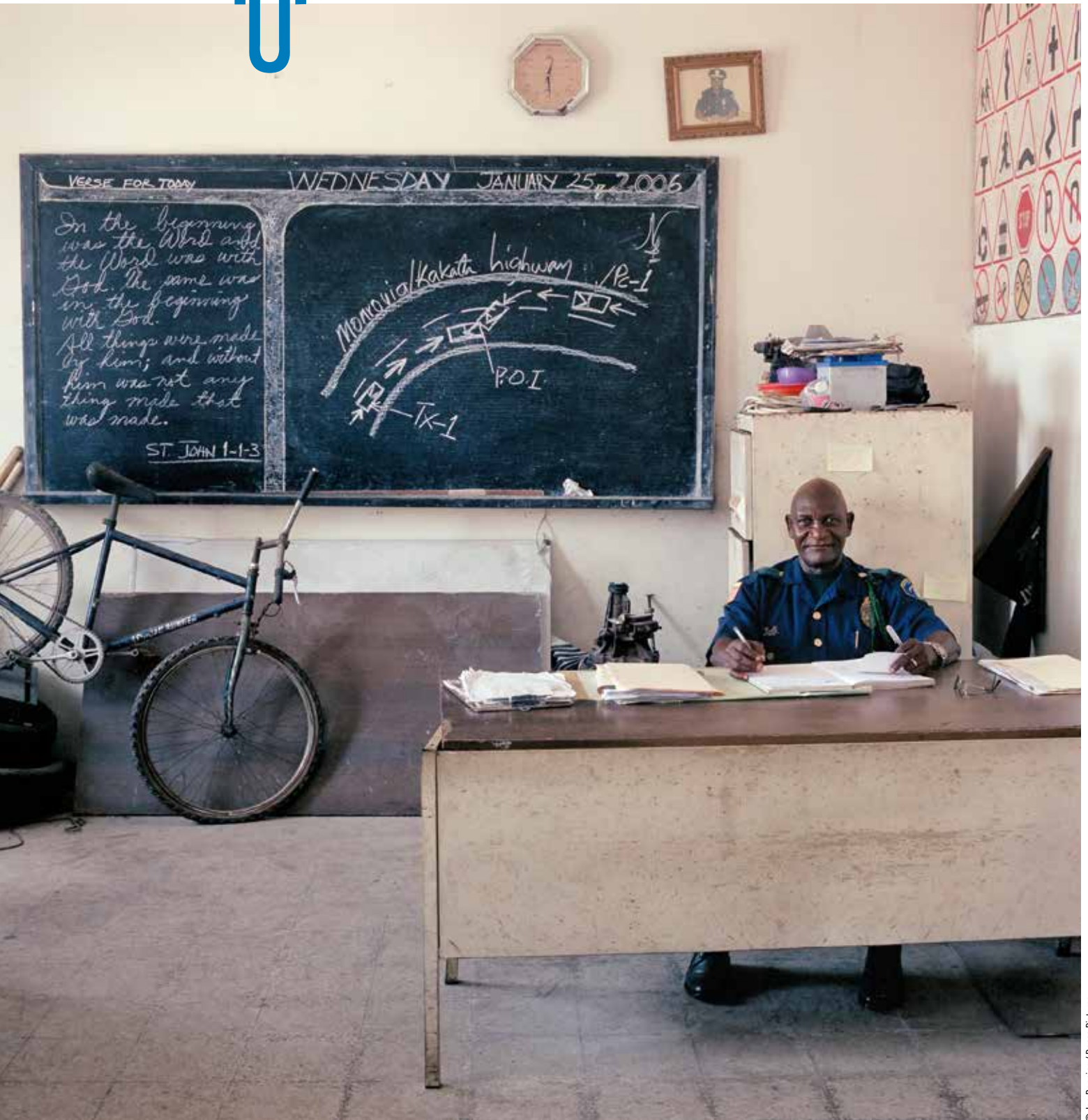
- Alcohol
- Environment and air quality
- Spinal cord injuries
- Youth

Fatos sobre segurança no trânsito e manuais de boas práticas

- 10 facts on global road safety (WHO)
- Crash types (International Road Assessment Programme)
- Distracted driving (report, WHO)
- Drinking and driving (manual, WHO and partners)
- Fact sheets on a wide range of road safety-related topics (SWOV)
- Helmets (manual, WHO and partners)
- Road safety fact sheet (WHO)
- Risk factors: fact sheets with main scientific evidence on five key risk factors (WHO)
- Risk factors: infographics (WHO)
- Seat-belts and child restraints (manual, WHO and partners)
- Seat belts, airbags and child protection devices (fact sheet, Netherlands Institute for Road Safety Research, SWOV)
- Speed management (manual, WHO and partners)
- Strengthening road safety legislation (manual, WHO)
- The vision zero initiative (Sweden)
- The safe system approach (OECD)
- Use of the mobile phone while driving (fact sheet, SWOV)
- Visibility (fact sheet, WHO)

Usuários das vias

- Bicyclists (International Road Assessment Programme) and Bicycle helmets (fact sheet, SWOV)
- Children going to school (Amend, Africa)
- Children safety (Safe Kids)
- Child protection devices (fact sheet, SWOV)
- Enforcement (toolkit, International Road Assessment Programme)
- Fact sheets on other road users, such as seniors (fact sheets, SWOV)
- First United Nations global road safety week: youth and road safety (April 2007)



© Jan Banning / Panos Pictures



VMA ÚLTIMA OBSERVAÇÃO

Esperamos que você tenha achado este guia útil. Nosso objetivo é incentivar e inspirar jornalistas de todo o mundo com ideias, exemplos e alguns recursos para produzir reportagens que vão além de um acidente de trânsito. Como destacamos ao longo desta publicação, o que está acontecendo em nossas vias não é uma série de inevitáveis frutos do acaso ou da falta de sorte. É, na verdade, uma crise de saúde com consequências catastróficas não só sobre os indivíduos, vítimas desses acidentes, mas também sobre a sociedade como um todo. Somente quando os jornalistas – especialmente os jornalistas em países em desenvolvimento, onde o custo é mais alto – compreenderem a verdadeira natureza dessa crise e chamarem a atenção do público para a fonte dessa crise, começaremos a progredir em relação à carnificina totalmente evitável nas nossas vias.

Há que se tornar parte do DNA de todas as redações

Cobrir segurança no trânsito não é um projeto para uma só reportagem. Esta crise de saúde pública não será resolvida por apenas uma matéria aprofundada sobre segurança viária, independentemente de quão boa ou amplamente lida seja. Para ter um verdadeiro impacto, as reportagens sobre segurança no trânsito devem se tornar um processo contínuo de conscientização e

sensibilização pública. Há que se tornar parte do DNA de todas as redações, especialmente nos países onde as lesões e mortes no trânsito são mais frequentes e mais prováveis de serem vistos como o custo a ser pago pelo progresso econômico. Se você é um editor ou repórter em um país onde muitas pessoas morrem no trânsito, deve aproveitar todas as oportunidades – do acidente de grande visibilidade, que mata uma dúzia de pessoas, à decisão mais corriqueira de uma autoridade governamental local para reduzir as verbas destinadas à segurança viária – explicando que a segurança no trânsito é uma crise desmedida de saúde pública que tem solução.

Sua tarefa é encontrar as pessoas certas, fazer as perguntas certas e apresentar a matéria com a urgência que ela merece.

Não faltam oportunidades e espaços para escrever sobre segurança no trânsito. Sua tarefa é encontrar as pessoas certas, fazer as perguntas certas e apresentar a matéria com a urgência que ela merece.







**ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE OPAS/
OMS BRASIL**

Setor de Embaixadas Norte, Lote 19, 70800-400
Brasília, DF Brasil, Caixa Postal 70312-970.
Tel: +55 61 3251-9595
<http://www.paho.org/bra>



ISBN: 978-92-75-72071



9 789275 720714